

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE SAÚDE PÚBLICA
DEPARTAMENTO DE PRÁTICA DE SAÚDE
PÚBLICA

Série Monográfica
No 9

EIXO

Promoção de Saúde

RECUPERANDO A FALA DO SOCIAL

São Paulo

1998

AUTORES

Fernando Lefèvre**

Ana Maria Cavalcanti Lefèvre*

** Prof. Associado da Faculdade de Saúde Pública da USP

• Doutoranda da Faculdade de Saúde Pública da USP

•

RECUPERANDO A FALA DO SOCIAL

Como objeto de pesquisas que utilizam metodologia qualitativa, as **representações sociais** (JODELET 1992) podem ser vistas como os discursos de uma dada coletividade sobre um conjunto vastíssimo de fenômenos sobre os quais é possível, aos indivíduos comuns, pensar.

Enquanto objeto de pesquisas qualitativas, estes fenômenos devem ser apresentados sob a forma de questões abertas, a um conjunto de membros desta coletividade, para que eles emitam discursos como respostas a estas questões

O que se busca na pesquisa qualitativa cuja matéria prima empírica é composta de depoimentos obtidos através de entrevistas abertas com indivíduos portadores de representações sociais, é a recuperação da “fala do social”, isto é, dos discursos que tem como emissores os grupos, coletividades, classes, extratos sociais.

Quando se diz aqui “discursos” ou “falas” do social não se trata de força de expressão mas de discursos que se pretendem perfeitamente reais a despeito de não terem sido emitidos por uma pessoa concreta.

É claro que quando uma pessoa concreta, individual, fala, a existência, digamos ontológica, do discurso desta pessoa é automática, o que não ocorre quando um grupo ou coletividade fala (neste caso, a mente positivista tenderia a colocar “fala” entre aspas).

Esta talvez seja uma das principais razões pelas quais se convencionou, tacitamente, que a expressão, na pesquisa, do pensamento ou representação de uma coletividade sobre um dado tema, para que possa ser representativa do conjunto dos indivíduos que a compõe, deveria sempre pressupor a soma de quantidades atomizadas e discretas de idéias, crenças, comportamentos, atitudes, etc., “emitidos” por esta comunidade, que resultam em descrições clássicas do tipo:

20% dos estudantes entrevistados acreditam que Aids se transmite por picadas de mosquitos, 40% por relações sexuais e 30% por relações sexuais,

compartilhamentos de seringas, transfusão de sangue ,amamentação e 10% não souberam responder

Ora, esta matematização da realidade implica em deformá-la, gravemente, fazendo com que o conhecimento obtido daí obtido fique significativamente prejudicado. Com efeito, para que afirmações como a acima possam fazer sentido é preciso supor que o fenômeno da Aids seja “naturalmente” atomizável num conjunto composto pela soma de unidades discretas de idéias, valores, comportamentos, atitudes, práticas às quais os indivíduos isolados aderem ou não (ou aderem mais ou menos fortemente, numa escala de 1 a 5, por exemplo).

Esta Aids cognoscível pelo leigo seria então composta por um “pacote” de, digamos, 10 conceitos, 20 comportamentos, 15 atitudes, 20 valores. Daí, para pesquisar o saber leigo sobre a Aids, bastaria dispor o pacote num questionário, submeter o leigo ao instrumento, tabular e analisar os dados.

Ora, este modelo leva, necessariamente, à homogeneização prévia dos indivíduos a serem pesquisados na medida em que, de fato, não se busca detectar o pensar, o conhecer e o se comportar de cada um deles diante de um fenômeno mas, através de questionários fechados, obter o percentual de domínio (por uma coletividade indiferenciada composta pela soma de indivíduos tornados iguais) destes, por exemplo, 10 conceitos, 20 comportamentos, 15 atitudes e 20 valores que, reunidos, perfazem um dado fenômeno pre-existente.

Ora, parece claro que esta atomização dos fenômenos e a necessária homogeneização prévia dos indivíduos transformados em coletividades aritméticas *a priori* são, ambas, operações arbitrárias e artificiais, nada tendo, portanto, de natural, não oferecendo, por isso, qualquer garantia de que a pesquisa conduzida nesta base seja capaz de resgatar o que efetivamente os indivíduos pensam, ou como se sentem ou se comportam frente a um grande número de fenômenos que podem ser vistos como objetos de representações sociais.

A pesquisa qualitativa busca reduzir a alta taxa de arbitrariedade presente nas pesquisas empíricas de tipo quantitativo sobre representações sociais na medida em que, nelas, os pesquisados não são apresentados a um conhecimento atomizado pré-existente mas a um assunto, tema, problema,

dividido, geralmente, em alguns poucos sub-temas, frente aos quais os indivíduos se posicionam através da emissão de uma dado discurso.

Coletados, estes discursos individuais são organizados, tabulados e agregados *a posteriori* permitindo assim a emergência da fala ou discurso do social.

O fato das representações sociais só serem resgatáveis através de discursos reconstruídos, já que não existe, digamos fisicamente, a possibilidade de uma coletividade, diretamente, emitir um discurso, implica, por certo, em uma certa dose de artificialidade mas que é, a nosso ver, bem menor se comparada com aquela presente no que chamamos de coletividades matematizadas. A razão é que, na pesquisa qualitativa, a natureza eminentemente discursiva do pensar dos indivíduos (LEFEVRE 1994) é respeitada, tanto no plano individual, quando cada indivíduo emite respostas discursivas a questões abertas, quanto no plano coletivo, quando estes discursos individuais são sintetizados sob formas igualmente discursivas, como por exemplo as presentes na figura metodológica que chamamos de discursos do sujeito coletivo (SIMIONI 1997).

Referências bibliográficas

JODELET, D. Représentations Sociales: un domaine en expansion. In

JODELET, D. (org). Les Représentations Sociales, Paris, PUF, 1989.

LEFÈVRE, F. Você deixaria sua filha se casar com um negro. Algumas considerações sobre a ambiguidade nas questões de pesquisa. Saúde e Sociedade 3(2): 186-196, 1994

SIMIONI, AMC et all Metodologia qualitativa nas pesquisas em saúde coletiva: considerações teóricas e instrumentais. Série Monográfica No 2. Departamento de Prática de Saúde Pública da FSP/USP. S.Paulo, 1997